

UNIVERSO JUNGUIANO E ARTETERAPIA

Por Ângela Philippini

Desde tempos imemoriais as manifestações artísticas são o documentário psíquico da coletividade e simultaneamente as representações da singularidade dos indivíduos. Já no século 5 A.C. existem registros da Arte sendo usada na Grécia, como um recurso terapêutico para promoção, manutenção e recuperação da saúde. Desde aquela época a arte era considerada como reveladora, transformadora e colaboradora na construção de seres mais criativos e saudáveis.

No Brasil, em 2008, a arte como instrumento terapêutico ainda é vista por segmentos mais conservadores com reservas. Mas, dentro do universo junguiano sempre esteve presente pois é prática rotineiramente incluída entre as estratégias terapêuticas daqueles que trabalham com esta abordagem.

A abordagem junguiana parte da premissa que os indivíduos, no curso natural de suas vidas, em seus processos de autoconhecimento e transformação, são orientados por símbolos. Estes emanam do SELF, centro de saúde, equilíbrio e harmonia, representando para cada um o potencial mais pleno, a totalidade da psique, a essência de cada um. Na vida, o self através de seus símbolos, precisa ser reconhecido, compreendido e respeitado.

Em Arteterapia com abordagem Junguiana, o caminho será fornecer suportes materiais adequados para que a energia psíquica plasme símbolos em criações diversas. Estas produções simbólicas retratam a psique em múltiplos estágios, ativando e realizando a comunicação entre INCONSCIENTE e EGO. Este processo colabora para a compreensão e resolução de estados afetivos conflitados, favorecendo a estruturação a expansão da personalidade através da criação. Estes símbolos, presentes nas criações plásticas, poderão estar também presentes nas imagens oníricas e até mesmo no próprio corpo, através de alterações no funcionamento do organismo, gerando as chamadas “doenças criativas” que indicam a urgente necessidade de reflexão e transformação de padrões de funcionamento psíquico.

A função do **arteterapeuta**, neste contexto, será a de um **facilitador** do processo, trazendo ao espaço terapêutico múltiplas matérias, para adequar-se à produção de cada indivíduo.

O espectro destes materiais expressivos, abrange inúmeras possibilidades, pois procura atender à singularidade de quem cria, funcionando como instrumentos para estimular a criatividade, e posteriormente desbloquear e trazer a consciência informações guardadas na sombra. Estas informações representam o lado obscuro, e desconhecido ou reprimido da psique humana, que quando é trazido à consciência através do processo terapêutico contribui para a expansão de toda a estrutura psíquica.

Assim, através dos materiais para desenhar, das tintas, dos materiais para colagens, das variadas formas de modelagem, dos fios para tecelagem, dos papéis para dobradura, da confecção de máscaras, da criação de personagens, das miniaturas no tabuleiro de areia, de materiais naturais como folhas, flores, sementes, cascas de árvores ou da aproximação e experimentação com elementos vitais como a água, o ar, a terra e o fogo e inúmeras outras

possibilidades criativas, surgirão os símbolos necessários, para que cada indivíduo, entre em contato com aspectos a serem compreendidos e transformados..

As modalidades expressivas poderão ser tão variadas quanto a criatividade e o treinamento do arteterapeuta possam permitir. Terão o objetivo de facilitar a melhor compreensão do símbolo, intensificando sua função estruturadora. As estratégias arteterapêuticas devem conduzir à melhor compreensão dos significados emocionais contidos no símbolo e este processo conduz a sentimentos de plenitude e inteireza. Os símbolos trazem para os indivíduos a possibilidade de conhecer, compreender, refazer, recuperar, rememorar, reparar e transcender. O símbolo como linguagem metafórica do inconsciente contem em si próprio o significado de todos os enigmas psíquicos, cabendo ao arteterapeuta trazer ao “*setting*” os instrumentos necessários para viabilizar este processo.

Assim, com materiais expressivos diversos, treinamento adequado e disponibilidade interna, temos a bagagem pronta para a fascinante jornada de caminhar ao lado dos que buscam a si mesmos. E a cada imagem, e a cada símbolo vamos encontrando o outro, e a nós mesmos. Nos processos de arteterapia vamos compartilhar a experimentação, as construções, destruições, reconstruções e transformações que o material expressivo propicia e viver o mútuo desvelamento proporcionado pelo processo de criação.

Trata-se de um caminho feito de cores, de formas, de significados, por onde passam lembranças, desejos, medos, rancores, afetos e esperanças. Este caminho as vezes é longo e divertido, as vezes triste e sombrio, as vezes cheio de obstáculos, obrigando a recuos e paradas...Por ele caminham viajantes tristes, solitários, ou por vezes bandos alegres e ruidosos, e todos ao passarem deixam rastros e restos, pistas e partes, com seus pés marcam o trajeto e alargam a passagem. Há quem desista logo, quem caminhe um pouco mais, e quem, arduamente chega até o final, para só então descobrir que este fim bem pode ser só o começo.

Tornar-se um arteterapeuta, que trabalha com as referências teóricas da abordagem junguiana (PSICOLOGIA ANALÍTICA), requer disposição interna para um árduo trabalho de conhecimento e reconhecimento de linguagens expressivas diversas, acompanhado de treinamento teórico específico que abranja a compreensão dos dinamismos psíquicos envolvidos na relação terapêutica, buscando entendimento do simbolismo universal contido na escolha dos materiais, e no incansável estudo das múltiplas formas de representação das transformações da psique, armazenadas desde sempre, na historia da humanidade. E no Inconsciente Coletivo.

ACOMPANHANDO A TRANSFORMAÇÃO

O símbolo tem uma função integradora e reveladora do eixo de si-mesmo, entre o que é desconhecido – inconsciente individual e coletivo – e a consciência. O símbolo aglutina e corporifica a energia psíquica, para que o indivíduo possa entrar em contato com níveis mais profundos e desconhecidos do seu próprio ser e cresça com estas descobertas.

O símbolo constelado com a ajuda dos materiais expressivos, dinamiza e facilita a estruturação e transformação dos estados emocionais que lhe deram origem. Deste modo, é essencial ao trabalho do arteterapeuta, **o conhecimento adequado de linguagens expressivas diversas e suas propriedades terapêuticas peculiares.** Para tanto, necessitamos de reciclagem expressiva constante, pois a fluência na comunicação através

dos materiais requer treino e constante exercício, complementado pela vivência indispensável do próprio processo terapêutico, e quando necessário, supervisão com um profissional mais experiente e a participação constante em grupos de estudos clínicos e work-shops de atualização.

Segundo Edinger: **símbolo é uma palavra originária do grego, resultante da combinação de SYM + BOLON, significando “aquilo que é colocado junto”...**

Em arteterapia é o resultado da fusão da energia psíquica de quem trabalha e do material expressivo utilizado, plasmando formas, criando e recriando mundos, expressando dores e esperanças de vir a ser.

Esta prática resgata uma atividade milenar, pois a humanidade desde tempos imemoriais enfocou sua energia vital através de diversos nomes, como *prana*, *chi*, *axé*, *mana*, codificando e revitalizando seus movimentos e possibilidades de criação. As religiões, a alquimia, os mitos e os contos de fada, registram através de símbolos, a aventura da humanidade, na busca de autoconhecimento e aperfeiçoamento espiritual.

No processo arteterapêutico, os materiais expressivos diversos, a adequação do “*setting*” e o acolhimento do arteterapeuta permitem que a energia psíquica traduza-se em concretude através das produções expressivas diversas, e a cada transformação dos materiais, analogamente aconteçam transformações a nível psíquico.

Jung em sua obra, descreveu amplamente como nas culturas mais diversas, etapas do processo de individuação eram codificados em símbolos e com temas comuns de forma similar, como representações do inconsciente coletivo, repetindo em mitos, contos de fadas, tradições religiosas, tratados alquímicos e ritos de passagem. Esta temática recorrente em toda a humanidade reaparece em sonhos, pinturas, esculturas e nas imagens produzidas através da imaginação ativa e nas técnicas de visualização e meditação.

O universo junguiano em arteterapia fornece uma bússola, que orienta no entendimento universal da produção simbólica, cabendo ao arteterapeuta junto com o criador do símbolo, contextualizar seus significados pertinentes à singularidade e historicidade de cada um.

Os pontos cardeais que norteiam a caminhada por estas regiões psíquicas profundas e singulares estão registrados na tipologia junguiana. Nesta referência teórica identificam-se quatro funções psíquicas básicas: pensamento, sentimento, sensação e intuição. De modo geral observa-se a dominância de uma destas funções (a função superior) em detrimento da funcionalidade das outras. A estas funções psíquicas, Jung correlacionou os quatro elementos básicos da natureza: AR, ÁGUA, FOGO E TERRA e dois movimentos básicos para a orientação da energia psíquica: movimento predominante para o mundo externo: extroversão e movimento predominante para dentro: introversão.

Neste enfoque, o arteterapeuta através de observações e dados de anamnese, poderá empregar determinadas modalidades expressivas que venham a estimular estas funções psíquicas menos desenvolvidas, iluminando aspectos sombrios da psique. Assim estas modalidades expressivas são utilizadas com o propósito de revitalizar áreas desusadas, núcleos bloqueados, resgatando o livre fluir da energia psíquica.

O Universo Junguiano em Arteterapia compartilha similaridades com outras abordagens teóricas, na medida em que emprega o mesmo instrumental terapêutico composto de modalidades expressivas variadas. A peculiaridade desta abordagem estará configurada, nas **estratégias de amplificação** do material simbólico produzido nas sessões. Amplificar um símbolo será deste modo um processo que retoma trilhas muito antigas, presentes na história do homem há muitos séculos, uma vez que existem registros do

processo expressivo como documentário psíquico há 35.000 anos atrás, no período paleolítico. O “*setting*” de arteterapia é um *temenos*, espaço de criação, labirinto formado de afetos, conflitos e imagens. O fio condutor para o trabalho será dado pelas associações, analogias e descobertas, feitas por cada um, no confronto com sua obra, ou durante seu processo de criação. A complementação deste processo virá das informações simbólicas contidas em mitos, contos de fada, lendas, fábulas, tradições religiosas, histórias da arte e ritos de passagem. Estas fontes representam registros do inconsciente coletivo, presentes no inconsciente de cada indivíduo, como mapas psíquicos, codificando os mecanismos da individuação, que se repetem através dos tempos, em essência de modo semelhante.

Além destas informações será útil avaliar os estilos expressivos, quanto às formas dominantes, utilização do espaço, movimento, elementos distorcidos ou harmônicos, cores mais frequentes a articulação de múltiplos aspectos criativos que refletem estados afetivos internos nem sempre possíveis de serem traduzidos em palavras.

Acredito que a prática da arteterapia, seja qual for a perspectiva teórica que embasa sua aplicação, transcende uma função unicamente clínica.

E particularmente no Brasil, país de equilibristas, que caminham sempre sobre a tênue linha divisória entre **crença/descrença**, **possibilidade/impotência**, **esperança/desesperança**, arte é prescrição terapêutica na construção de indivíduos mais saudáveis, indivíduos melhor enraizados no chão de suas próprias conquistas, confiantes na possibilidade de criação de suas mãos, de coração leve porque sabem que podem se expressar e, sobretudo, porque não são domesticáveis, pois reconhecem nas possibilidades da sua criação a dimensão de sua própria força. Cabe aos arteterapeutas compartilharem o trabalho de resgate da fluência do processo criador de cada indivíduo, para auxiliar na vida contemporânea, o religar-se às raízes atemporais da busca do autoconhecimento, desde sempre presente na história da ancestralidade. Com isto, em meio às asperezas do cotidiano, ajudar a descobrir as trilhas de um espaço mítico, território sagrado, de gestar sonhos e projetos, criando e recriando o tempo e o lugar para o sonho, e o prazer, encontrando fontes de proteção e nutrição psíquica, berço do Self...

Referências Bibliográficas:

- **CAMPBELL, J.**
O Herói de Mil Faces – SP - Cultrix – 1998

- **CONNIE, Z. e JEREMIAH, A.** (orgs)
Ao Encontro da Sombra, o potencial oculto do lado escuro da natureza humana – SP – Cultrix – 1992

- **JANSON, H.W. e JANSON, A.**
Iniciação à História da Arte – SP – Martins Fontes – 1998

- **JACOB, I**
Complexo, Arquétipo, Símbolo – SP – Cultrix – 1986

- **JUNG, C.G.**
O Homem e seus símbolos – RJ – Nova Fronteira – 1964
- **OSTROWER, F.**
Criatividade e processos de Criação – Petrópolis – Vozes – 1983
- **SILVEIRA, N.**
Jung, Vida e Obra – Paz e Terra - 1982
- **WHITMONT, E.C.**
A Busca do Símbolo – SP - Cultrix - 1990

Publicado originalmente no Volume II da Coleção de Revistas de Arteterapia “Imagens da Transformação” – Pomar - 1995

Ângela Philippini é arteterapeuta, artista plástica, Mestre em Criatividade pela Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), editora da coleção de Revistas de Arteterapia “Imagens da Transformação”, autora do livro de arteterapia “Cartografias da Coragem”, organizadora do livro “Arteterapia: Métodos, Projetos e Processos”, coordenadora da Pós-Graduação Lato Sensu em Arteterapia em convênio Pomar – ISEPE.

E-mail: pomar@alternex.com.br